

Resumo: O autor informa que sua primeira notícia sobre Dom Joaquim vem de um livro de 1924, que descreve uma visita pastoral do então jovem Bispo a pequena localidade interiorana do Sul do Estado. A seguir, menciona o apreço de Dom Joaquim pela paróquia de Itajaí, e a devota impressão que ele causava aos que o viam presidindo a liturgia. Descreve com detalhes a solenidade da entrega, a ele, do Título de “Cidadão de Itajaí”, em 1964, bem como, em 1967, no jornal da cidade, a notícia respeitosa do seu falecimento.

Abstract: The author recalls his first information concerning Don Joaquim by reading a book in 1924 describing his pastoral visit of a young bishop to a small locality in the hinterland of the South. Continuing his review of the past he mentions Don Joaquim’s appreciation of the parish of Itajaí and in turn his devotedness as a token of preference of the faithful celebrating the liturgy. The detailed description of the solemn event of bestowal of the title of “Citizen of Itajaí” in 1964, as well as the heartfelt notification of the news of his death, in 1967, is certainly a great tribute of the city in honor to his memory.

Minhas Lembranças de Dom Joaquim e outras Memórias

*Edison d’Ávila**

* O autor é Mestre em História pela UFSC. Professor aposentado de História de Santa Catarina, na UNIVALI/Itajaí. Secretário Municipal de Educação de Itajaí. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



Minha mais antiga lembrança de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, primeiro Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, a cuja Arquidiocese sempre pertenceu Itajaí, é dos meus tempos de menino, nos anos da década de 1950, ao folhear curioso e ler surpreendido as páginas do livro “O Dictador Catharinense”, da autoria de João de Oliveira e Alexandre Barreto, editado em 1924, e pertencente ao pequeno acervo de livros de meu avô materno.

Este livro narra a prepotência do Governador Hercílio Luz na sua injusta perseguição ao jornalista tubaronense João de Oliveira. Na obra se estampa uma fotografia de Dom Joaquim, ao narrar um episódio da ação pastoral apaziguadora do ilustre prelado, naquela contenda entre o autocrático governador e o intemerato jornalista. É também um valioso testemunho de época sobre o bispo que, então, havia dez anos pastoreava o rebanho catarinense.

Perseguido pelo Governador, o jornalista João de Oliveira, dono do jornal “A Imprensa”, fora obrigado a fugir rumo ao Estado do Rio Grande do Sul. No caminho da fuga, abatido física e moralmente, ele teve este encontro com Dom Joaquim, assim descrito:

“No segundo dia de viagem, sob os paredões fantásticos da serra do Rio do Rastro, tendo a meus pés o abismo escancarado, vi sair de uma capela, ao sol do zênite, um homem de estatura mediana, paramentado com alfaias episcopais, vagaroso e solene, seguido de grande quantidade de fiéis que entoavam cânticos sacros.

Era Dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo diocesano. Esse prelado, humilde e virtuoso, é um devotado pastor de almas. Toda a sua individualidade rescende uma fragrância de peregrinas virtudes que fazem dele, não o verdadeiro ministro, mas o verdadeiro apóstolo. Se Jesus o encontrasse, nos caminhos da Judéia, amá-lo-ia, como a Pedro e a Paulo, semeadores na terra da palavra divina.

Regressando de visita pastoral a regiões remotas, curando enfermos de alma e ministrando a crisma, pregador da verdade e emissário do bem, Dom Joaquim tornava-se-me, naquele instante, o clarão da liberdade nas tenebras do despotismo que me oprimia. O meu estado de alma era perfeitamente estranho. Fugindo à treva, deveria fatalmente procurar a luz. Vítima que escapa do verdugo, descansa confiante à sombra da árvore benfazeja, que desoprime e conforta.

Dom Joaquim recebeu-me com bondade. Confidenciei-lhe em meia hora o que sentia, e parti mais alegre, sob a ventura de sua bênção.”

A leitura deste trecho me encantou, assim como a fotografia, em que Dom Joaquim aparece novo, em pose de leitura, mas ostentando na



face um leve sorriso de simpatia. Anos mais tarde, ao ler a biografia do Arcebispo, escrita pelo Padre José Artulino Besen, fiquei sabendo que a fotografia fora feita junto à gruta de Nossa Senhora de Lourdes, na antiga residência episcopal, em Florianópolis.

A confirmar a sabedoria popular, confesso que a primeira impressão que me ficou daquela leitura e da fotografia foi a de um simpático e benevolente pastor. Anos mais tarde, através de outros que com ele conviveram, fiquei sabendo que Dom Joaquim era homem severo e intransigente. Mesmo assim, minha simpatia por ele nunca mudou. Ao contrário, só fez aumentar! Aluno do então Ginásio Salesiano Itajaí, entre 1957 e 1961, lembro-me de uma visita do Arcebispo ao nosso colégio, onde, após a recepção oficial, deixou-se cercar por dezenas de meninos que, respeitosos, lhe beijavam o anel e ele muito sorridente a todos abençoava. Então, pude me certificar, agora pessoalmente, da simpatia do Pastor. Nós éramos apenas pequenas ovelhas do seu numeroso rebanho, e àquelas ovelhas importava como o pastor as acolhia e não o que dele diziam outros.

Já moço, acompanhei diversas recepções a Dom Joaquim na Matriz do Santíssimo Sacramento de Itajaí, e a imagem dele nas celebrações litúrgicas era emocionante. Meão, magro e já idoso, no entanto sua figura se agigantava na postura firme, solene e hierática. Sentiam-se nele a autoridade e a nobreza de um “Príncipe da Igreja”; o que encantava a assembléia.

Aliás, Dom Joaquim aparentava dedicar uma afeição especial pela Paróquia do Santíssimo Sacramento, desde que deu início às suas visitas pastorais, e deixou registros dessa estima na correspondência que trocou com os vigários de Itajaí. Um exemplo disso é sua carta de 5 de novembro de 1927 ao vigário, Monsenhor Giesberts, citada na biografia já referida, e cuja passagem transcrevo a seguir:

“Julguei não dever diferir por mais tempo o desejo que sinto de, ainda uma vez e por este modo, externar-lhe, bem como às comissões de recepção e ao povo, em geral, o meu sincero e comovido agradecimento pelo modo hospitaleiro e altamente atencioso com que nos receberam, a nós e à nossa comitiva, por ocasião de nossa recente e inesquecível Visita Pastoral. Itajaí, essa florescente cidade, em que prosperam tão nobres iniciativas: cidade da indústria e comércio, como do Santíssimo Sacramento; que se notabilizou pela imponência da sua magnífica recepção. Agradecemos, enfim, àqueles que, ou pelo seu comparecimento, ou pela sua cooperação, e sempre pelos seus exemplos de perseverante labor e, reservas de piedade, tanto nos impressionaram e edificaram, preparando o resultado da visita e aligeirando os nossos esforços pastorais. A todos



e a cada um, como prova do nosso imperecível reconhecimento, por este modo lhes enviamos a nossa humilde e afetuosa bênção.”

Aquando da escolha do projeto arquitetônico da nova Matriz de Itajaí, cuja construção começou em 1942, deu-se um caso que merece registro. Dom Joaquim, como era do seu modo, pôs-se a opinar e fazer exigências ao vigário e à comissão de construção. Travou-se então um embate, cheio de reverência e floreios, como soe ser, mas de discordâncias sérias entre o Arcebispo e a comissão construtora, que ilustra bem como eram as relações à época entre a autoridade eclesiástica e os leigos, mesmo que fossem os de maior destaque. A memória desse episódio está resgatada no livro “A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento – História: Teologia da Beleza, Itajaí, 2005”, também do Padre José Artulino Besen.

Dom Joaquim queria uma planta arquitetônica no mais puro estilo românico. Se era a vontade do Arcebispo, este haveria de ser também o querer dos fiéis e da comissão de construção. O vigário, nessas horas, ficava pisando em ovos. A comissão fizera corpo mole e por duas vezes fez de contas que aceitou as plantas enviadas por Dom Joaquim. Ela queria mesmo era o projeto de grande beleza do arquiteto Simão Gramlich, que fora recusado de início pelo opinioso prelado. Ela, então, decidiu voltar ao Arcebispo com a proposta de Gramlich, novos argumentos e agora disposta a fazer valer toda sua invejável representação política e econômica; e logrou, enfim, o convencimento de Dom Joaquim. É bom lembrar que da comissão construtora participavam o prefeito, como presidente; o diretor-presidente do Banco Inco, como vice-presidente e o maior capitalista da cidade, como tesoureiro. Contra todo este somatório da política e das finanças de Itajaí, o Arcebispo certamente houve por bem abrir mão do seu gosto acendrado pelo estilo românico puro; e a Matriz do Santíssimo Sacramento fez-se a beleza que hoje a todos encanta em arte e arquitetura sacra e que Dom Joaquim veio consagrar com toda solenidade em 1955.

O ano de 1964, apesar do clima político carregado de preocupações com o advento do regime militar, pôs a Arquidiocese em comemorações do jubileu episcopal de Dom Joaquim. Variadas cerimônias aconteceram em cidades catarinenses com homenagens ao Arcebispo, chegado a Florianópolis havia cinqüenta anos, o que mostrava a alta consideração e a estima em que o tinham o povo e as autoridades de Santa Catarina.

Foram também autoridades de Itajaí, através do vereador Heluiz Antônio de Moraes Gonzaga, que encabeçaram as homenagens a Dom Joaquim no município, por ocasião do jubileu de ouro em 1964. O vereador do PSD



propôs um projeto de Resolução da Câmara Municipal, concedendo o título de Cidadão Honorário ao Arcebispo em sessão do dia 15 de junho. Após baixar às comissões para análise e pareceres, como é do regimento, o projeto foi aprovado por unanimidade dos vereadores presentes à sessão do dia 22 de junho.

A sessão solene para outorga do título se marcou para o dia 4 de julho, às 20 horas, na sede da Câmara Municipal. Na ocasião, Dom Joaquim foi recebido protocolarmente à porta principal do edifício da Câmara por três vereadores e conduzido com cerimônia até a mesa da presidência, no salão nobre, onde tomou assento juntamente com o prefeito municipal. Estiveram presentes à sessão solene as mais altas autoridades civis e militares; assim como, os vigários de Itajaí e Navegantes. E o secretário da Câmara continuou a citar os demais presentes à solenidade: “representante do prefeito de Navegantes, ex-prefeitos de Itajaí, diretores e diretoras de estabelecimentos de ensino, presidentes de partidos políticos e associações de classes, irmãs de caridade e associações católicas e demais pessoas gradadas...”

O orador oficial da homenagem foi o vereador Heluiz Antônio de Moraes Gonzaga, o proponente do título, que abriu sua fala emocionado na lembrança dos seus tempos de seminarista em Azambuja, quando, disse, conheceu de perto os méritos do Arcebispo, e discorreu sobre a personalidade, a sublinhar com entusiasmo as virtudes sacerdotais de Dom Joaquim.

Por último, discursou o Arcebispo, num agradecimento de muita afetuosidade à homenagem que recebia e principalmente ao título honroso que lhe outorgavam. Depois, de conformidade com o registro do mesmo secretário da Câmara, “Dom Joaquim Domingues de Oliveira proferiu um longo discurso, ilustrado de fatos e citações evangélicas, significando a todos presentes, como uma lídima palestra de doutrinação cristã.” Aliás, aqui se confirmou o que o seu biógrafo nos informa sobre Dom Joaquim nada afirmar sem o recurso explícito às Sagradas Escrituras e a concepção dele, segundo a qual o bispo tinha a “missão de pregar o Evangelho”; mesmo numa ocasião como essa, uma cerimônia civil oficial, e para gente grada da política e da administração pública.

Quando eu já cursava o penúltimo ano do Curso de Letras, da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Vale do Itajaí, um dos núcleos de origem da Universidade do Vale do Itajaí/Univali, num começo de noite e de aula do mês de maio, do ano de 1967, nosso professor de Língua Portuguesa, Dr. José Medeiros Vieira, visivelmente compungido, nos deu a notícia do falecimento de Dom Joaquim e lhe fez



elogioso necrológico, repleto de referências à cultura, piedade e virtudes cristãs do pastor que nos conduzira por 53 anos.

Eu também fiquei triste. Afinal, desaparecia uma pessoa importante, notável, da vida catarinense, por quem nutrira uma particular simpatia desde os meus anos de menino.

Naquela semana, o *Jornal do Povo*, semanário tradicional de Itajaí, na edição de 20 de maio, estampou sua nota de pesar, com uma tarja preta e o texto seguinte, que, em poucas palavras, expressava a opinião e a consideração que tinham as pessoas maiores e o homem comum sobre o venerando Arcebispo.

“Dom Joaquim Domingues de Oliveira

Repercutiu com profundo pesar o falecimento de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, dd. Arcebispo Metropolitano, ocorrido anteontem, que, não há muito, festejara o Jubileu de Ouro de seu Arcebispado. A morte da figura imponente do ilustre prelado, encheu de consternação a família católica. Dom Joaquim desaparece com 87 anos de idade, mas mesmo assim não deixava de acompanhar as procissões e exercer as suas atividades sacerdotais, com uma dedicação que o fez credor da estima e da admiração de todos.

A expressão da nossa condolência face uma perda irreparável para o mundo religioso de Santa Catarina.”

Referências Bibliográficas

Arquivo Público de Itajaí. *Jornal do Povo*. Itajaí. Coleção Jan/1967/Nov/1968.

BESEN, Pe. José Artulino. *Dom Joaquim Domingues de Oliveira*. Estado de Santa Catarina/SEC. Florianópolis, 1979.

_____. *A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento: História, Teologia da Beleza*, 1955/2005, Itajaí. Paróquia do Santíssimo Sacramento. Itajaí, 2005.

OLIVEIRA, João de; BARRETO, Alexandre. *O Dictador Catharinense. A Imprensa*. Tubarão, 1924.

Endereço do Autor:

Rua Santa Beatriz, 132, Itajaí-SC

E-mail: edisondavila@terra.com.br